

# HELOISA LUSTOSA

## Das cinzas do MAM vem o diamante

*Ela é uma mulher magra, de fala mansa e jeito meigo. Cabelos pretos, olhos castanhos vivos, nenhuma jóia. Nem mesmo a aliança do casamento que já dura muitos anos. Corre de um lado para outro nas cinzas que vão sendo retiradas do Museu de Arte Moderna. Atende a todos como se cada um fosse a única pessoa com quem conversa.*

● ● ●  
**H**eloisa Aleixo Lustosa, mulher do construtor Carlos Lustosa e filha de Pedro Aleixo, é, no momento, apenas a diretora do MAM, que desde a madrugada daquele fatídico sábado de julho não tem tempo para nada, tentando reerguer o museu.

Uma mulher que, depois de muitos anos, apagou a imagem de dondoca apenas preocupada com vida social. E que no seu trabalho tem muito do pai: da calma do pessoal de Minas que trabalha em silêncio e consegue chegar aonde quer, mesmo que isso implique anos de espera. Mas, como boa mineira, Heloisa sabe de tudo. Até como conciliar marido, filhos, neta e trabalho. Heloisa nasceu num dia 16 de março em Belo Horizonte, Minas Gerais. Única mulher entre os quatro filhos do casal Pedro Aleixo-Dona Mariquita Aleixo. Única sobrinha, única neta, única mulher naquela geração da família. Por isso, toda sua infância foi marcada por uma superproteção.

— Eu me lembro, conta Heloisa, que vovó, mãe do papai, achava que mulher sofria muito e tudo fazia para amenizar a minha condição de mulher. Nas brigas com os meus irmãos, a culpa era sempre

deles, mesmo que fosse eu quem tivesse implicado com eles. E a minha infância transcorreu num clima de absoluta parcialidade: "Não impliquem com Heloisa, ela é uma menina".

A família de Heloisa é o que se pode chamar de tradicional família mineira. Por parte do pai, todos são de Ouro Preto. Por parte de mãe, de São João Del Rey. Mas, do lado materno, Heloisa tem ascendência italiana.

— Quando se fala em tradicional família mineira, eu tenho que acrescentar mais um elemento. Meu avô era italiano. Ele era médico, veio para o Brasil, conheceu minha avó, casaram-se e foram morar no interior de Minas. De um lado, a família mineira tradicional, onde eu nunca vi manifestação de exuberância. Do outro, minha mãe, com um pouco de temperamento italiano para contrabalançar o temperamento fechado do mineiro.

— Dizem que, fisicamente, tenho traços italianos, mas me identifico mais com papai, talvez pela admiração que sempre tive por ele. Acho mesmo que em toda a minha vida eu tentei imitá-lo. Enquanto ele era vivo, eu o consultava muito e fui sua assessora, tentando aprender tudo que podia. Agora, quando tenho que tomar alguma decisão, procuro pensar no que ele faria se tivesse que tomar a mesma atitude.

Como toda filha de tradicional família mineira, Heloisa foi aluna do Sacre-Coeur de Marie. Depois entrou para a faculdade de filosofia, lá mesmo em Belo Horizonte. Quando estava no segundo ano, ela conheceu Carlos Lustosa, que estudava engenharia e ajudava no diretório estudantil da antiga UDN.

— Naquela época, papai fazia política universitária, e nossa casa estava sempre cheia de estudantes. O Carlos ajudava papai, mas não tinha nenhuma vocação para político. Dois anos depois, nós nos casamos. Ele já estava formado em engenharia e eu em filosofia. Nós tivemos quatro filhos, só que apenas um homem e três mulheres. E criei todos eles da mesma maneira, sem superproteger o rapaz e sem dizer para as meninas que mulher sofre muito.

Conciliar marido, filhos, casa e trabalho não é difícil. Dizem que, quem não tem tempo é quem faz as coisas. E isso é certo. Quando eu tinha tempo não fazia nada. Comecei realmente a trabalhar quando presidi um grupo que angariava fundos para a construção duma clínica para crianças com paralisia cerebral. E há seis anos trabalho no Museu de Arte Moderna. E aqui, o início foi muito difícil. Tive que suprir todas as minhas falhas. Passar de espectadora a executiva. Eu trabalhava, estudava e ouvia as pessoas para poder fazer um trabalho correto e digno. Foi uma época dura e definitiva, para conseguir superar a imagem que me atrapalhava aqui no Rio, uma imagem de mulher de sociedade, que sabia receber bem, que usava vestidos bonitos e que era vazia. Meus cursos de filosofia, história da arte e literatura não contavam. O pessoal custava a me aceitar como mulher de trabalho. E muitos chegaram a me dizer que "eu era sapo de outra lagoa, que eu era uma princesa". E foi só com o tempo que fui aceita e acreditada.

— Quando decidi trabalhar, meu marido não criou nenhum obstáculo. Pelo contrário, ajudou até. Porque é uma coisa en-

joadá o marido chegar em casa toda noite e a mulher só falar de criança, casa e cházinho. Apesar de mineiro e de toda tradição, Carlos, meu marido, é aberto e o nosso relacionamento em todos esses anos de casamento só amadureceu. Ele tem muito bom gênio. E o máximo do aborrecimento a que ele chega é ficar calado. Eu não. Eu me altero raramente, mas quando isso acontece é com muita intensidade. Eu tenho um tipo de raciocínio que não é bem típico das mulheres: passo por cima de pequenos aborrecimentos. Mas, na hora da explosão, voltam todas essas pequenas coisas e aí eu cobro tudo".

Heloisa agora passa o dia inteiro no Museu de Arte Moderna tomando todas as providências para a sua restauração o mais breve possível. Mas, em tempo de trabalho normal, ela tem outro horário: de manhã trabalha em casa, e resolve problemas pelo telefone. De tarde no Museu. E a noite quase sempre ela e Carlos têm um programa para fazer.

— Não é com a mesma frequência de antes. Agora só saio por prazer e por obrigação. E com isso reduziu bastante o número de vezes que saímos em relação ao passado, quando a gente saía porque não tinha nada para fazer. No momento, nessa fase cruel que estou atravessando, nem tenho vontade de sair à noite, tão cansada estou. E é nessa hora que volto mais uma vez a me lembrar do meu pai quando dizia: "os amigos são o grande capital da vida da gente".

Maria da Ajuda